



teatro
CENTELHA

António Cabral e António
Manuel Pires Cabral

7 PEÇAS
EM
UM ACTO



ANTÓNIO CABRAL
ANTÓNIO MANUEL PIRES CABRAL

SETE PEÇAS EM UM ACTO

TEATRO



COIMBRA
1977

FICHA

TÍTULO: Sete Peças em um Acto

AUTOR: António Cabral e António M. Pires Cabral

CAPISTA: João Botelho

EDITOR: Centelha — Promoção do Livro, SARL
Apartado 241 — Coimbra



COIMBRA

1973

ANTÓNIO CABRAL

I
TEMOS TEMPO, MATILDE

- ★ TEMOS TEMPO, MATILDE
- ★ OS MUROS DE VERONA
- ★ OUVES-SE UMA FLAUTA
- ★ VIRÁ UM DIA VIRÁ

*Para de fundo com ela e montanhas que se protegem,
A esquerda, pelo galho, um silêncio silencioso, de modo a
podermos ouvir e deixar tudo passar.*

I

TEMOS TEMPO, MATILDE

A natureza que me rodeia por dentro de uma casa
qualquer, ainda por. Para a consideração dela, não me
resta a escolha de uma ou de duas palavras públicas. Isto tal-
vez ainda, talvez a natureza. Talvez, que não. Mas
estou-me a lembrar que uma vez me lembro-me de uma
vez, que a sua forma parece a natureza.

O lugar onde estou é o que é uma bela natureza
onde, por isso, se vê a natureza de que a natureza
está, talvez para a natureza, com que se pode para a
natureza e a natureza e a natureza e a natureza.

Uma das montanhas, talvez de uma, com uma
grande no seu fundo. (Para: De um de fundo. Isto
é o que é a natureza de fundo. Mas, pensando bem, não é
dado que se possa. Agora, se se quiser e for possível. O de
lá, se quiser. Agora, se se quiser, a natureza e a natureza.

Pano de fundo com rio e montanha que se prolonga, à esquerda, pelo palco, em relevo adequado, de modo a poderem subir e descer duas pessoas.

JOÃO *(na montanha-relevo)*

É natural que me tomem por doido ou outra coisa qualquer, ainda pior. *(Para a assistência)* Não, não me refiro a vocês, ou antes, ao digníssimo público. Isso talvez ainda venha a acontecer. Palpita-me que sim. Mas estou-me nas tintas: sou como sou. Refiro-me aos velhotes, isto é, aos meus pais, e à Matilde...

O lugar onde estou é o alto duma bela montanha donde, pelo menos, se vê mais mundo do que daquela aldeia *(aponta para a direita)* em que os meus pais se enterraram a eles e me enterraram a mim.

Gosto das montanhas, sobretudo desta, com um grande rio ao fundo. *(Pausa. Toque de flauta.)* Estão a ouvir? Isto aqui é bonito. Mas, pensando bem, não é disto que eu gosto. Aqui só há rochedo e formigas. O rio lá em baixo... que me importa a mim o rio em baixo!

(Joana entra da direita. Pelos gestos, percebe-se que faz um trabalho de casa. O encenador decidirá se são imprescindíveis alguns utensílios — de cozinha, de sala, etc. Pouco depois de Joana, entra Bento, o marido.)

BENTO

Viste o João?

JOANA

Sei lá do João!

BENTO

Qualquer dia desanco-o.

JOANA

Não adiantas nada com isso.

BENTO

Verás.

JOANA

Já lhe bateste uma, duas, dez, cem vezes e ele continua na mesma.

BENTO

O gajo é doido. *(Os dois em estátua.)*

JOÃO

É natural que me tomem por doido. Querem que eu trabalhe e eu não trabalho. Querem que eu vá à missa ao domingo e eu não vou. Querem que eu vote no partido

que está no governo e eu não voto — abstenho-me. Querem que eu case com a Matilde e eu não caso. Julgo que gosto dela, mas não caso. (*Pausa.*) O que eu queria era arranjar um emprego no Porto ou em Lisboa, numa cidade grande, e eles não me deixaram.

JOANA

Achas que o João pode ir para Lisboa?

BENTO

Claro que não!

JOANA

Se uns se dão lá bem, outro dão-se mal. É um jogo. (*Continua a trabalhar.*) O nosso filho não deve andar ao sabor da sorte. Sabe-se lá... Aquilo deve ser um inferno. Olha o Bernardo, filho da Aurora da mina: de quando em quando aparece por aí de automóvel, mas... (*baixando a voz*) dizem que casou com uma mulher da rua. Se é que casou. É o que dizem. Ainda não te chegou aos ouvidos?

BENTO

Já chegou, já. Desgraças!

JOANA

Pois é: desgraças. (*Choramanga.*) Eu não quero que o nosso filho seja um desgraçado. O filho da Aurora até dizem que rouba, que rouba automóveis e outras coi-